Acervo ISA

ÍNDIOS ELETRÔNICOS ÍND

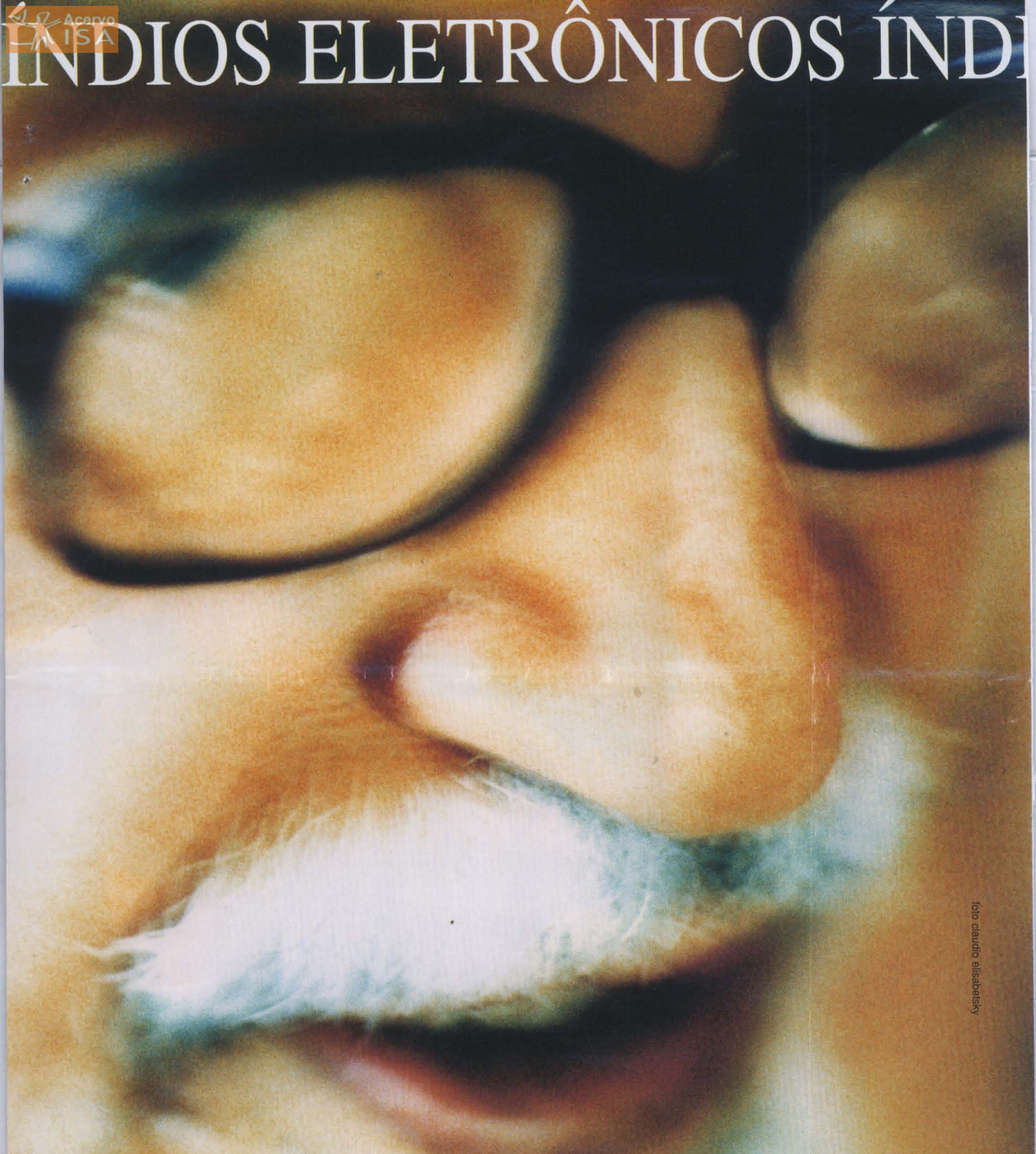


foto claudio elisabetsky

Antenas parabólicas, motores, futebol, energia solar já fazem parte do dia-a-dia em algumas aldeias do parque do Xingu. Orlando Villas Bôas fala sobre índios, tecnologia e futuro.

APR0023b

BOOM NA INTERNET - 1996

Acervo ISA

ELETRÔNICOS ÍNDIOS

ORLANDO VILLAS BÔAS

por fernando costa netto

Há meio século, o Araguaia era o limite do Brasil povoado. Nessa época, início dos anos 40, as cartas geográficas mostravam grandes áreas brancas no Brasil central desabitado. Por volta de 1943, o presidente Getúlio Vargas se dispôs a desbravar essa região do país e criou uma expedição chamada Roncador Xingu. Da expedição Roncador Xingu, os irmãos Orlando, Claudio e Leonardo participaram desde os primeiros dias. Engrossaram as fileiras rumo ao sertão junto com outros trabalhadores para o serviço pesado. Alguns anos depois, mais experientes, passaram a comandar outras diligências pelos estados de Goiás e Mato Grosso.

Orlando Villas Bôas, 82 anos de idade, capricorniano nascido em Botucatu, interior de São Paulo, é o sertanista vivo mais respeitado do país. Discípulo do Marechal Rondon, luta há mais de meio século pela preservação da cultura e sobrevivência do índio brasileiro. Dr. Orlando recebeu a reportagem da BOOM em sua casa no bairro da Lapa, em São Paulo, e falou sobre o futuro da nação indígena no Brasil, as trapalhadas da Funai, Percy Fawcett e sobre a tecnologia do homem civilizado aplicada de forma polêmica nesses anos todos no parque do Xingu.

BOOM - Que características aproximam os índios do Xingu com o Brasil civilizado?

Orlando Villas Bôas - Quando nós idealizamos o parque do Xingu, fizemos uma recomendação aos índios que se alguém invadisse as terras, eles deviam pedir para sair. Se não saíssem, deveriam pedir novamente. Na terceira vez, que brigassem pela terra. Apesar do Xingu estar muito vulnerável, muitos índios estão conseguindo viver plenamente dentro da sua cultura.

BOOM - No aspecto geográfico, mudou alguma coisa no Xingu nesses últimos anos?

OVB - Não. Os índios continuam fazendo suas roças pequenas de rodízio. A mata derrubada em seis ou sete anos se recompõe, de maneira que não há no Xingu grandes desmatamentos como na Amazônia.

BOOM - Há muita migração para fora do Xingu?

OVB - Pelo contrário. Os índios Txikao, por exemplo, viviam em processo de extinção, principalmente por causa das frentes de penetração de mineradores. Nós atraímos eles para dentro do parque para que pudessem subsistir.

BOOM - Quais são os principais interesses econômicos dentro do parque?

OVB - Por enquanto, só o garimpo. Logo será a madeira.

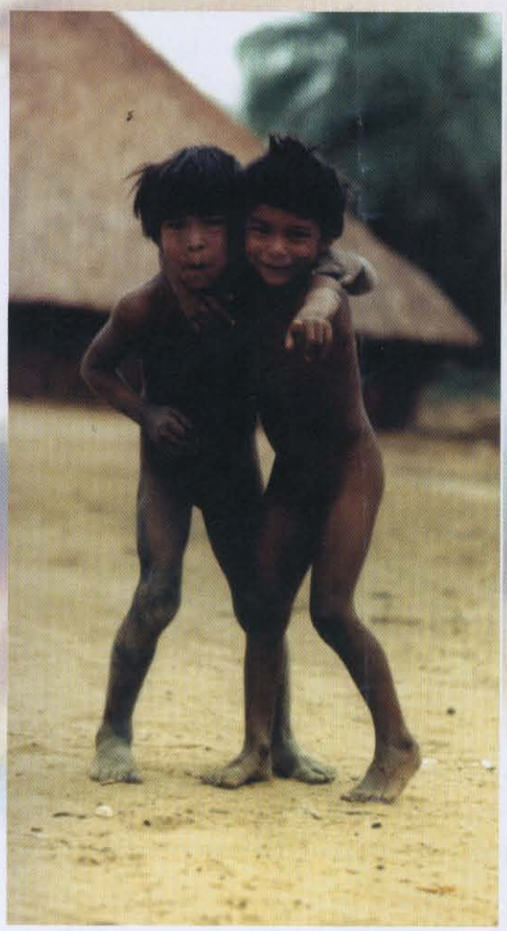


foto ricardo beliel

Acervo ISA

BOOM - Há índios no parque que nunca tiveram contato com o homem branco?
OVB - Dentro do parque nós temos duas aldeias arredias. Só o meu irmão e eu sabemos o local onde elas estão, mas não divulgamos para que não apareça nenhum herói para pacificá- las.

BOOM - E se elas forem descobertas?
OVB - Nesse caso todos os velhos e crianças pagam o tributo do contato e morrem em três ou quatro dias de gripe, sarampo... Nas nossas expedições se alguém estivesse doente estava fora, e mesmo assim a gente levava algum vírus. Nós só fazíamos a atração se fosse indispensável para a nossa marcha. Nosso objetivo não era o índio. Nossa função inicial era fazer uma picada do Araguaia até o rio Tapajós, de quase dois mil km a pé.

BOOM - No Xingu, quantas aldeias existiam naquela época e quantas há hoje?
OVB - Na minha época eram dezoito aldeias que falavam oito idiomas diferentes. Hoje no Xingu há mais índios que antes, porque nós atraímos para dentro do parque outras três tribos.

BOOM - A tecnologia tem beneficiado os índios brasileiros?
OVB - Não. Uma argumentação minha, que também era a do Marechal Rondon, é que o índio só sobrevive na sua própria cultura, com seus próprios valores. Não há lugar para o índio na sociedade brasileira de hoje. No momento que você faz uma atração de índios arredios e, por exemplo, dá um facão para eles, isso significa um passo para a aculturação. Se ele abandonar os valores tradicionais da sua cultura e adotar valores de uma cultura nova estará havendo a descaracterização total do índio sob o ponto de vista cultural. A única tecnologia do homem branco que tem sido favorável é a levada por médicos da Escola Paulista de Medicina. O que essa gente tem feito no campo da medicina preventiva no Xingu é uma coisa fantástica.

BOOM - E a Internet, o senhor acha que poderia ser de alguma forma útil futuramente aos índios?
OVB - Não acho que seja o caminho. Um dia desses tocou o telefone em casa e era um índio kamaiura falando em Tupi.
Eu disse, - quem é?
-Xotó, ele respondeu.
-Xotó, você está em Brasília, São Paulo? perguntei.
- Não, tô na aldeia!
- Mas como você tá na aldeia, rapaz?
- Tô no celular!

BOOM - E como os índios vêem o contato com a tecnologia do homem branco?
OVB - No começo tinham horror, depois acabaram se acostumando. Uma ocasião, num primeiro contato com índios arredios, um médico da equipe tinha uma câmera fotográfica e eu pedi para ele se esconder atrás de uma árvore e fotografar. Era o único jeito que tínhamos para registrar aqueles primeiros instantes.

BOOM - O que o senhor oferecia aos índios nesses primeiros contatos?
OVB - Ferramentas. Hoje em dia os índios gostam de ganhar colares. Mas não qualquer um, eles gostam de colar tcheko, miçanga italiana.

BOOM - Os índios falam de discos voadores, de objetos estranhos no céu?
OVB - Eles falam muito sobre isso. O Claudio, meu irmão, numa madrugada saiu para caçar e desceu uma picada pela aldeia dos xavantes. A uns 400 metros, ainda escuro, ele viu uma coisa estranha no mato e foi se aproximando. A uns 150 metros do objeto, quando já estava mais claro o dia, ele viu um disco. O capim estava todo remexido. Então ele colocou a arma no chão e foi se aproximando, quando de repente o disco saiu rápido e passou sobre a aldeia. Todos os índios viram o disco voador.

BOOM - E sobre a emancipação desses povos?
OVB - A emancipação significa trocar a cidadania de indígena pela cidadania brasileira. Não interessa. O estatuto do índio diz que todos eles são tutelados do Estado. Essa tutela só é suspensa se o índio pedir. O índio, por exemplo, não tem interesse em pagar imposto de renda!

BOOM - Na opinião do senhor, o que deveria ser feito para se manter a integridade social das comunidades indígenas?
OVB - A Funai tem que garantir a tutela sobre os índios. Dar segurança, garantir a terra. A aldeia indígena teria que ter uma escola para ensinar a língua local às crianças e, acima de tudo, a Funai tem obrigação de assistir o índio no que diz respeito a saúde, garantindo essas aldeias dos males que a própria civilização levou.

BOOM - E o que impede a Funai de fazer isso?
OVB - A Funai é um órgão desestruturado, sem mobilidade, sem aviões, sem médicos.

BOOM -Como o presidente Fernando Henrique se posiciona?
OVB - O ex-presidente Collor criou acertadamente a lei 22 de 1991, que determinava a demarcação das terras indígenas. A lei dizia que toda a terra que o índio usufrui pertencia à união. Quer dizer, quem quisesse questionar uma terra do índio teria que reclamar com a União, não com o índio. Em contrapartida, fez outra lei absurda que distribuía os recursos da Funai aos ministérios. Na prática, se um índio estivesse com malária na Amazônia, tinha que ser transferido até o litoral para ser tratado. O presidente Cardoso está fazendo as coisas mais absurdas que você pode imaginar.

BOOM - Se permanecer esse cenário atual, qual o futuro dos índios brasileiros?
OVB - Os índios do Brasil estão caminhando para o desaparecimento.

Acervo ISA

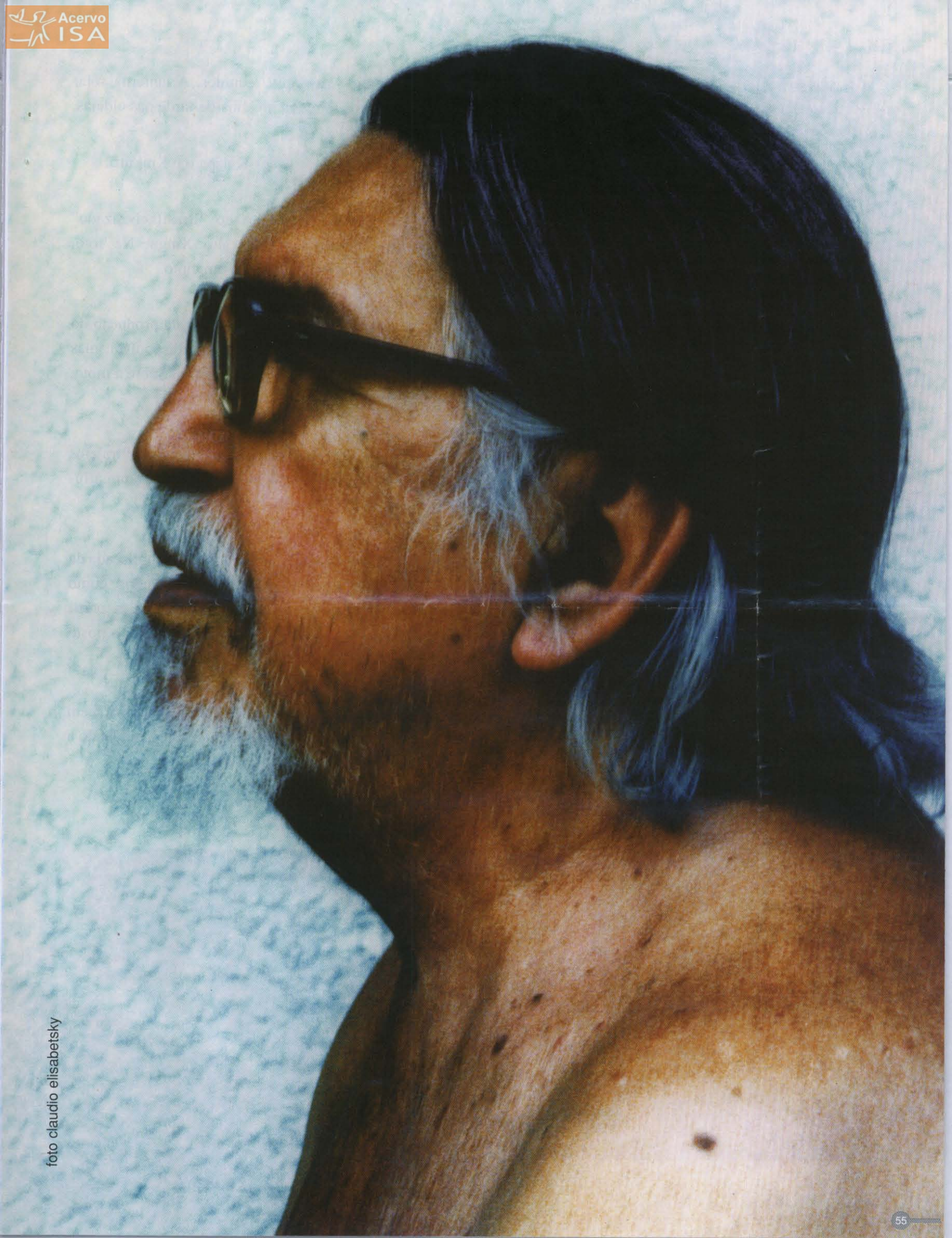


foto claudio elisabetsky

Acervo ISA

O resultado desse decreto novo do Sr. Cardoso, anulando a lei 22 de 1991 da demarcação, resultou em vinte e oito áreas indígenas invadidas nesse início de ano por garimpeiros e madereiros. Os políticos regionais pressionam seus governadores, que pressionam o presidente da República através do Ministério da Justiça. A presidência, que precisa de apoio político, acaba cedendo. Recentemente dei uma declaração ao jornal O Estado de S. Paulo onde sugeri que então arrumem outra área para os índios ou um lugar para eles nas favelas de Brasília. O índio brasileiro, no aspecto legal, nunca esteve em pior condições do que hoje.

BOOM - E como a primeira-dama antropóloga se posiciona?
OVB - Eu fiz um apelo à dona Ruth em nome dos índios. Ela que esteve defendendo as minorias raciais na Rússia parece que esqueceu as minorias raciais do Brasil.

BOOM - Como funciona a sociedade do índio brasileiro?
OVB - Na sociedade indígena ninguém manda em ninguém. Cada um é dono de seu pensamento, de seu minuto, de sua vontade. Nas aldeias não existe um chefe, mas um conselheiro sem autoridade nenhuma sobre os companheiros. Os pagés são o elo de ligação entre a aldeia e o sobrenatural. E a ligação entre os pagés e a comunidade é o chefe da aldeia. Os chefes ouvem os pagés falarem e todas as madrugadas fazem um discurso na aldeia.❑

colaborou bia cardoso

1 - Índios Yawlapiti reunidos. A lanterna solar substitui a fogueira nos fins-de-tarde nas aldeias.

2 - Jogo entre as tribos Kalapalo e Kuikuro.

3 - Qualquer elemento do "Brasil civilizado" eleva a imaginação no alto Xingu. Na foto, alguns santinhos enfeitam um cinto.

4 - A motocicleta foi confiscada da produção do filme Quarup. Não há gasolina disponível, mas serve como uma espécie de troféu. Sobre a moto, o cacique Aritana, aldeia Yawlapiti.

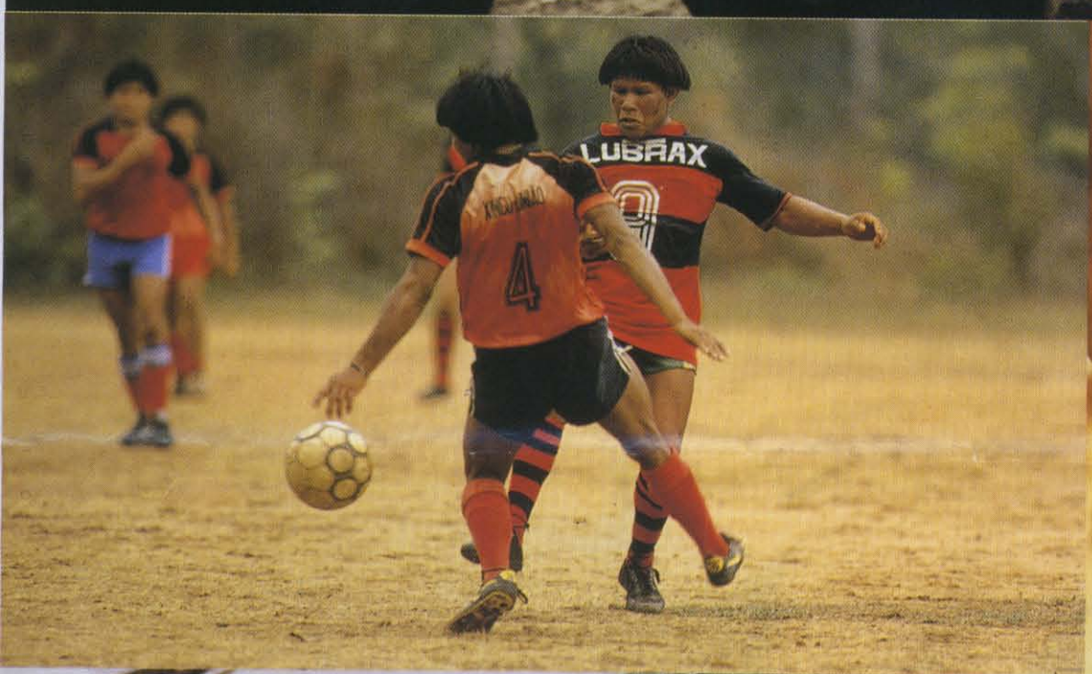
5 - As bicicletas servem para percorrer trajetos por terra. Índio atravessa o rio Tuatuari, um afluente do rio Koluene.

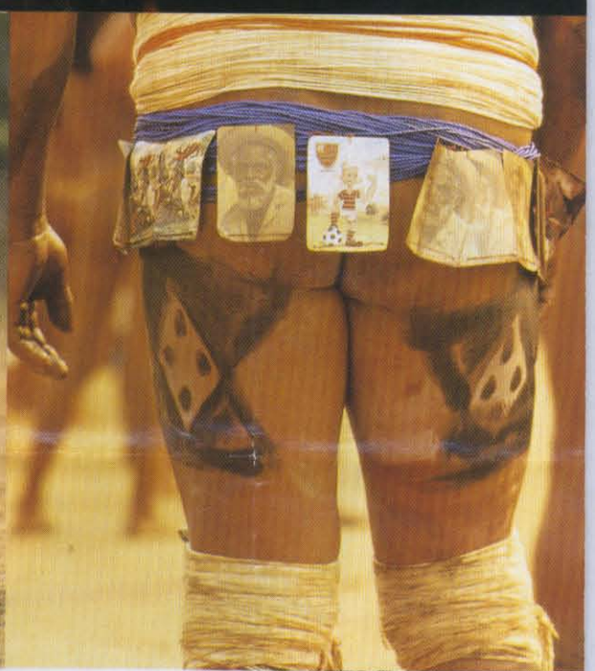
6 - A antena parabólica também foi confiscada da produção do filme Quarup, de Ruy Guerra, como forma de pagamento à aldeia. Usada, a partir disso, para levar imagens de futebol até o posto da Funai Leonardo Villas Bôas.

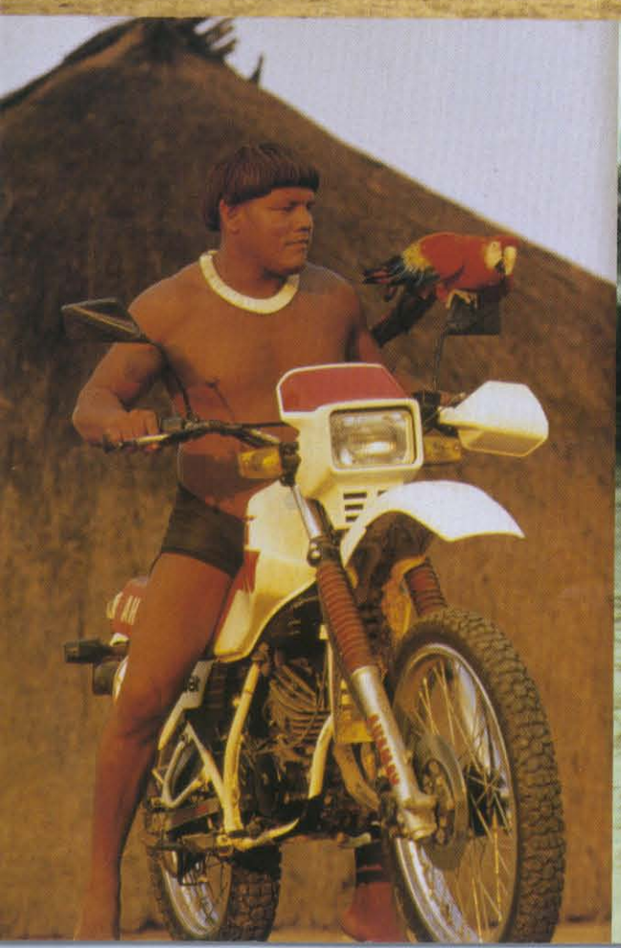
7 - Rádio não pega no Xingu. Quando aparecem servem para gravar as festas e cantos, ajudando a preservação da cultura local.

fotos ricardo beliel

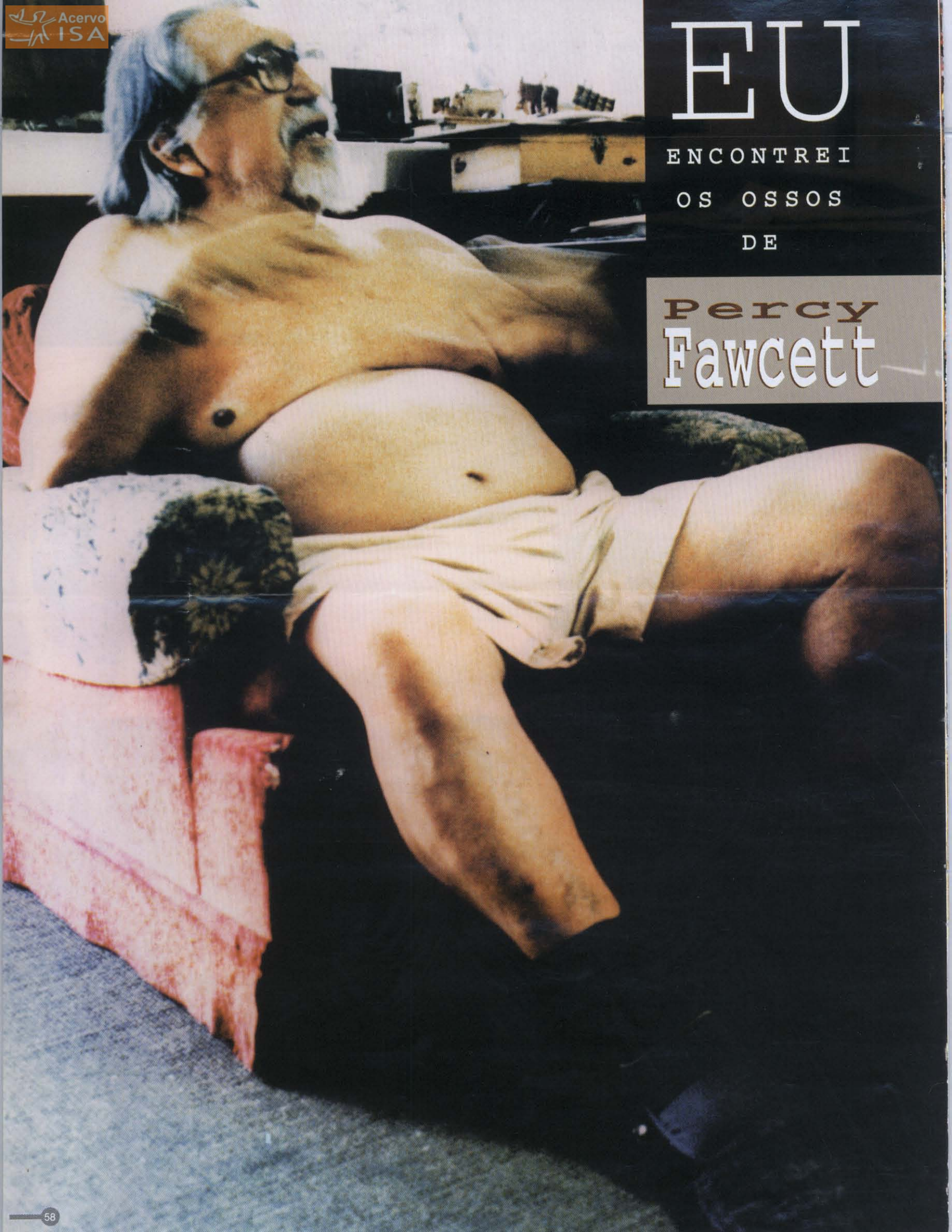
Acervo ISA







Acervo ISA



EU ENCONTREI OS OSSOS DE Percy Fawcett

Acervo ISA

Em 1925, uma expedição inglesa que tinha o coronel Percy Fawcett, seu filho Jack e um assistente, saiu de Cuiabá atrás de riquezas e uma cidade esquecida através do Brasil central. Eles nunca mais apareceram. Orlando Villas Bôas afirma conhecer a versão oficial dessa história.

Apenas duas pessoas que desapareceram no mundo causaram tanta preocupação internacional: Livingstone e Percy Fawcett. Livingstone foi encontrado na África por um jornalista chamado Stanley e levado para Londres. Sobre Fawcett, quando ele sumiu em 1927 ou 28, na América do Sul, muitos outros jornalistas e antropólogos da Europa e América quiseram ser novos Stanleys. Vieram expedições de toda parte para tentar saber o que havia acontecido e entrar no mesmo roteiro que Fawcett pelo Brasil central. Tudo isso criou uma ogeriza enorme nos índios.

Quando Fawcett partiu de Cuiabá queria ir para a serra do Roncador, e para não ser seguido, bolou umas coordenadas falsas e tomou outro rumo. Ele nunca poderia ter tomado o rumo indicado. Esse caminho, que ele realmente fez, eu fiz montado em jegue.

Era uma mata canalha, densa, quase intransponível, não havia comida. Muitos animais nossos morreram pelo caminho. Para alimentá-los, a gente batia a mão, os bichos olhavam e a gente dava o jornal Correio da Manhã para eles comerem. Era um jornal fofo, os bichos gostavam.(risos)

Os índios Calapalo me disseram que Fawcett era um chato, um sujeito difícil e violento com as crianças. A história que eu soube com os próprios índios foi que dois catapalo dessa aldeia resolveram matá-lo isoladamente e enterraram o corpo nas margens do rio Koluene.

Eu encontrei a ossada dele nas margens do rio em 1951. Cavei a terra com as minhas mãos e depois que achei esses ossos fiz o comunicado pelo posto da Funai que havia perto da aldeia. Em seguida, interditei um campo de pouso que havía perto com troncos de árvores para não ocorrer uma invasão. Os aviões vinham, não conseguiam pousar e davam meia volta. Mais tarde, quando cheguei em Xavantina com os ossos de Fawcett, havia trinta e tantos jornalistas do mundo inteirinho esperando. Os ossos de Fawcett repousam hoje na M.U.P.A. (Museu Paulista de Antropologia).

reprodução